

VALOR ECONÔMICO E VALORES PERSONIFICADOS: Obras de Margaret Mee sobre a Mata Atlântica e Floresta Amazônica

Resumo

O objetivo do trabalho foi analisar o valor econômico atribuído às obras de Margaret Mee, ilustradora da flora brasileira – especialmente da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica, assim como, examinar os valores personificados da ilustradora, a fim de contribuir para viabilidades de registro nos demonstrativos contábeis. A artista foi importante para a ciência botânica brasileira, assim como para a preservação da Floresta Amazônica. Suas anotações, ilustrações, planchas e livros sobre a flora, pássaros e animais da Amazônia trouxeram avanços na arte, mas principalmente na botânica. Foi realizada uma pesquisa pela internet nas casas de leilões e livrarias especializadas em obras raras para encontrar os valores econômicos das três principais obras da artista. Foi feita uma análise de conteúdo e textual, por meio do *software* IRAMUTEQ®, no documentário “Margaret Mee e a Flor da Lua”, para encontrar valores personificados da ilustradora. Percebeu-se que as ilustrações podem ser valoradas pelo o Método de Valoração Contingente, por meio da disposição a pagar (DAP) e principalmente pelo julgamento de profissionais especializados. A valorização da observação e da contemplação na descrição da paisagem é um processo intrínseco ao artista. Nesse caso, não há uma descrição puramente científica, estética, científico e de imaginação do artística capaz de gerar uma mensuração, reconhecimento e evidenciação contábil quanto ao valor personificado do ativo cultural da arte de Margaret Mee.

Palavras chave: Ativos culturais; Arte; Valoração Econômica; Valor personificado.

1 INTRODUÇÃO

A arte foi a primeira forma utilizada para documentar oficialmente elementos das ciências como botânica, medicina e farmácia. Nesse sentido, para representar com veracidade a imagem das plantas, animais e cardáveis, os ilustradores passaram a ter conhecimentos científicos, pois os estudiosos dependiam desses resultados para prosseguirem com suas pesquisas (Silva, 2009).

Conforme Silva e Pellegrin (2020), as plantas medicinais foram as primeiras ilustrações documentadas em livro, destaca-se o livro *Aniciai Iulianae Codex*, escrito por Dioscórides, no século VI d.C., que tomou de base as gravuras de Cratevus, famoso botânico do século I a.C.

No Brasil, a mata e flora também foi retratada por uma grande artista-ilustradora inglesa. A artista plástica Margaret Mee ilustrou várias plantas das florestas tropicais brasileiras e da Amazônia, gerando um importante material de pesquisa para os amantes da arte, assim como estudiosos botânicos (Segadilha & Gomes, 2016).

Por meio de seu trabalho, não limitado a ilustrações, Margaret Mee expressou questões que envolveram a proteção do meio ambiental e dos habitantes nas regiões amazônicas. Teve sua obra reconhecida não somente na Inglaterra, como exemplo o *Royal Botanical Gardens at Kew*, mas também no Brasil, com a criação da Fundação Botânica Margaret Mee em 1989, atualmente denominada Fundação Flora de Apoio à Botânica, e o Orquidário do Jardim Botânico de Brasília, que leva seu nome (Ministério da Cidadania, 2020; Jordan, 2021).

Sua 15ª e última expedição no Brasil, em 1988, tornou-se um documentário no qual a artista buscava ilustrar a flor da lua, *Selenicereus wittii*, o que incentivou a Escola de Samba Beija Flor, Rio de Janeiro, a homenageá-la em 1994 com o samba enredo Margareth Mee, a Dama das Bromélias (Martino, 2013).

Encontrar um valor econômico para suas obras é um grande desafio para os gestores, pois o seu legado deixado vai além de questões econômicas. Margaret já denunciava a falta da preservação e o desmatamento da Floresta da Amazônia causados pelos grileiros e garimpeiros. Almeida (2014) relatou que Margaret Mee teve outras preocupações ambientais, como a

comercialização de produtos naturais encontrados na região. Isso ajudou a desenvolver um relatório para o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), destacando a devastação contínua e crescente na região.

Em se tratando de valoração econômica, a contabilidade de ativos culturais tangíveis e intangíveis é umas das temáticas de debate no âmbito internacional e em especial referentes àqueles ativos intangíveis, dado a sua imaterialidade e subjetividade na composição de um valor justo. Há um movimento mundial de convergência das normas de contabilidade para uma padronização e assimilação das informações entre os países, com o objetivo de ter uma melhor evidenciação e comparabilidade dos dados. Logo, saber quais são os valores intrínsecos em obras artísticas podem sinalizar como é construído o valor econômico do ativo.

Assim, o desafio dos gestores é saber quais são os métodos de valoração econômica que possam demonstrar o numerário real de ativos culturais, servindo de instrumento de evidenciação nos demonstrativos contábeis das entidades públicas e privadas. Ponderando o subjetivismo no julgamento contábil, principalmente no que tange os montantes atrelados à monumentos, espaços públicos, recursos naturais e a própria cultura, os quais tendem a não estarem equivalente ao valor justo nos balanços contábeis (Fuji & Slomski, 2003).

Ressalta-se também, que na valoração de ativos culturais ou patrimônios públicos, a valoração deve considerar a sustentabilidade da obra, o que revela valores diferentes e divergentes dos métodos tradicionais, pois levam em consideração as bases econômicas, estéticas, culturais, histórica, artística, educacional e políticas (Ferretti & Comino, 2015).

Mediante a tal exposição, indaga-se a seguinte prerrogativa: Qual o método de valoração econômica mais apropriado aos ativos culturais, em específico as obras de Margaret Mee, considerando a personificação do legado da artista?

Há diversos métodos de valoração econômica, servindo de base para estimativa de valor de ativos culturais. Por outro lado, existe também indefinições quanto àquele que seja mais apropriado para o registro contábil, face a variedade e característica própria de cada patrimônio. O que justifica o presente estudo no que concerne às obras de arte. Isso permite reunir, estruturar e debater conhecimentos sobre a justificativa de valorar certos ativos culturais por meio de especialistas.

Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar o valor econômico atribuído às obras de Margaret Mee, ilustradora da flora brasileira – especialmente da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica, assim como, examinar os valores personificados intrínsecos da ilustradora, a fim de verificar a viabilidade de evidenciar nos demonstrativos contábeis.

Para tal, delimitou-se a avaliação dos três principais trabalhos da ilustradora sobre a floresta tropical brasileira: “*Flowers of the Brazilian Forests*” (1968), “*Flowers of the Amazon*” (1980) e “*In Search of Flowers of the Amazon Forest*” (1988).

A discussão sobre a temática valoração econômica de ativos culturais (*Heritage Assets*) justifica-se pela implantação das normas internacionais no setor público, levantando questionamentos da academia e de órgãos reguladores da contabilidade (Freire et al., 2017). Em 2017, o *International Federation of Accountants* abriu uma consulta (*Consultation Paper*) à comunidade para discutir sobre relatórios financeiros para ativos culturais no setor público. O assunto tornou-se um campo fértil para novas investigações acadêmicas em termo de questões teóricas e práticas (IPSABS, 2017). No entanto, percebe-se que, em sua maioria, os pesquisadores em contabilidade permaneceram relativamente distantes dessa tendência, preferindo por vezes realizar investigações na área financeira (Gomes et al., 2016).

Este artigo torna-se atual na medida em que tenta ampliar o escopo dos estudos dos padrões de contabilidade no novo campo de ativos culturais. Além da introdução, neste trabalho é apresentada a temática da valoração de ativos culturais e a expertise de especialistas para obras de arte. Em seguida, é demonstrada a importância do trabalho de Margaret Mee para a

arte e a ciência botânica. Logo em seguida, são apresentados os aspectos metodológicos utilizados para obter os valores econômicos e valores personificados da ilustradora, pautados na análise textual. Por último, são expostos os resultados e conclusões da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Valoração de Ativos Culturais: Expertises de Especialistas

A contabilidade de ativos culturais tangíveis e intangíveis é umas das temáticas desafiadoras no âmbito internacional, principalmente, para os assuntos relacionados aos ativos intangíveis, dado a sua imaterialidade e subjetividade na composição de um valor justo.

Conforme Biondi et al., (2021), a contabilidade de ativos culturais representa uma questão difícil, desafiadora e preocupante, pelos seguintes motivos: (i) como definir os ativos; (ii) quando reconhecer eles nas demonstrações financeiras; (iii) que critérios de mensuração deverão ser utilizados, (iv) que evidências e informações adicionais deverão ser fornecidas.

De acordo com Biondi et al. (2021), o *International Public Sector Accounting Standards Board da International Federation of Accountants* (IPSABS) estabeleceu critérios para identificação de um ativo cultural, sendo eles: (i) aqueles que devem ser mantidos indefinidamente e preservados para o benefício das gerações presentes e futuras devido à sua raridade; (ii) tenha importância em relação a sua arqueologia, arquitetura, agricultura, arte, cultura, meio ambiente, características históricas, naturais, científicas ou tecnológicas; (v) o ativo será definido como um recurso atualmente controlado pela entidade como resultado de um evento passado. Para os autores, o reconhecimento envolve medição, que por sua vez envolve a atribuição de um valor monetário ao ativo. Isso implica na seleção de um método de avaliação adequado que deve atingir algumas características qualitativas como relevância e fidelidade representacional, compreensibilidade, oportunidade, comparabilidade e verificabilidade, e levar em consideração as restrições de informação como materialidade e análise de custo-benefício.

Na União Europeia as normas do *Property, Plant, and Equipment*, (IPSAS 17) não seria capaz de responder as necessidades dos usuários sobre bens patrimoniais culturais, pois a cultura e a história destes carregam a identidade de um país (Aversano & Christiaens, 2014).

No Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público (2014) brasileiro, observa-se que há informações que os bens do patrimônio cultural estão registrados no imobilizado dos balanços com valores que não traduzem àqueles de mercado. Isso ocorre porque existe uma incerteza sobre a técnica a ser utilizada para mensurar e reconhecer os valores justos dos bens culturais. Cada ativo carrega valores históricos, em muitos casos intrínsecos, difíceis de serem captados. Se a definição de ativo cultural ainda está em discussão, na mesma linha há um grande desafio para os contadores saberem quais métodos de valoração deverão ser aplicados em ativos culturais, tais como monumentos, espaços públicos, recursos naturais e a própria cultura. Os métodos devem gerar informações apropriadas dos ativos que reflitam o valor justo apresentado na contabilidade das entidades públicas e privadas. Contudo, Aversano e Christiaens (2014) incitam que a valoração de tais itens pode reconhecer apenas o valor qualitativo.

Mesmo considerando as características qualitativas como relevância e fidelidade representacional, compreensibilidade, oportunidade, comparabilidade e verificabilidade, é preciso levar em consideração as restrições dos dados, tal como, materialidade e análise de custo-benefício. Isso é necessário porque, quando contabilizados, o registro deverá apresentar os valores reais dos ativos nos balanços contábeis.

Segundo Strassburger et al., (2014) os ativos culturais, por trazerem fatos singulares, provocam dúvidas quanto ao seu valor justo. Na consulta do IPSASB (2017), as orientações para a escolha e aplicação dos métodos de valoração em ativos culturais são custo histórico, valor de mercado e custo de reposição.

No entanto, os principais métodos de valoração econômica disponíveis para avaliação de ativos ambientais e culturais são: avaliação contingente por meio da disposição a pagar, custo de reposição ou valor de substituição; custo de viagem; custo histórico ou preço de aquisição; *Fair value*, valor que seria recebido pela venda do bem; julgamento de profissionais especializados ou avaliação por especialista; valor de perda ou perda total que se espera sofrer; valor de troca ou valor em dinheiro pela troca do bem; valor de uso ou valor do bem para o seu dono; valor nacional ou aquele apresentado no balanço; valor presente líquido ou fluxo de caixa; valor realizável líquido ou valor líquido do bem após vendido; valor recuperável ou quantia recuperável pelos fluxos de caixa.

Alguns autores têm buscado aplicar técnicas de valoração em ativos culturais, Carvalho Jr. et al., (2016) realizaram um estudo de caso no Memorial Darcy Ribeiro, conhecido como Beijódromo, aplicando o método do custo de viagem e método de valoração contingente para obter o seu valor econômico. Verificaram que a principal barreira ou restrição na aplicação dos métodos se encontra na falta de registro adequado de visitantes, uma vez que o Método do Custo de Viagem se caracteriza pelo gasto realizado pelo visitante para ver o bem, e o seu preço é estimado pela função demanda de visitantes e pelas suas características socioeconômicas. Por outro lado, o Método de Valoração Contingente – MVC estima os valores da Disposição a Pagar, quantia máxima que alguém estaria disposto a pagar, e da Disposição a Receber, quantia mínima que alguém estaria disposto a receber, com base em cenários imaginados que mostrem as variações do valor e da disponibilidade do ativo (Kim, 2012). Nessa condição, por meio de pesquisa de campo, o valor do ativo pode ser encontrado em forma de lances, jogos de leilões e cartões de pagamento.

Souza et al. (2019) utilizaram o método de valoração contingente e método do custo de viagem para estimar o valor do Teatro Amazonas. Verificaram que a apreciação do público e o nível de conhecimento cultural da amostra, além do contexto político e cultural, têm influência sobre o valor do ativo. Adicionalmente, expressaram que a forma de coleta de dados e a estimativa do valor do ativo pela disposição a pagar podem interferir no resultado. Esses resultados se caracterizam pela subjetividade e fragilidade do método que é utilizado para gerar um valor a ser registrado nos demonstrativos contábeis.

Para outros valores além do econômico, Freire et al. (2017) realizaram uma metodologia para verificar a influência que valores (estético, espiritual, científico e histórico) teriam sobre o valor econômico, por meio da disposição a pagar, e do valor atribuído, das rochas do museu de geociências da Universidade de Brasília. Concluíram que o valor econômico das rochas encontrado com a disposição a pagar diverge do valor atribuído, tendo principalmente influência da opinião de pessoas com níveis diferentes de escolaridade. Além disso, outros valores como estético, científico ou histórico fornecem informações ricas sobre os ativos, mas que não são utilizados para registros na contabilidade.

Logo, para mensuração do patrimônio cultural, há discricionariedades na escolha dos métodos de valoração, sendo questionáveis os instrumentos de avaliação dos ativos culturais. Além disso, a Norma Brasileira de Contabilidade Técnica do Setor Público (NBC-TSP 07), a qual trata do Ativo Imobilizado, determina que: “A entidade que elabora e apresenta demonstrações financeiras sob o regime de competência deve aplicar esta norma na contabilização do Ativo Imobilizado, **exceto**: [...] (b) quanto a bens do patrimônio cultural”. (CFC p. 02, 2017). Deste modo, os itens referidos quanto ao patrimônio cultural devem ser reconhecidos e valorados quando detenham base de mensuração confiável; que apresentem o valor contábil bruto; o método de depreciação e o montante depreciado, caso haja; e que o item possa ser conciliado no início e fim do período com seus componentes (CFC, 2017).

Por outro lado, as normas brasileiras NBR 14653-2; NBR 14653-3 e a NBR 14653-5, emitidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), dão orientações sobre a forma de estimar o valor de ativo que tem mercado regular. Enquanto isso, a NBR 14653-7

orienta a valoração de bens, que não tem mercado análogo, como aqueles de patrimônio histórico e artístico, por meio dos preços hedônicos, método do custo viagem, método de custo de oportunidade e método de avaliação contingente (Fernandes et al., 2020).

Para Pires et al., (2015) a mensuração dos ativos culturais deve iniciar com reconhecimento pelo custo histórico, sendo esse critério adotado por alguns museus. Para correção anual durante a vida útil do bem, devem ser adotados os métodos de valor de mercado, valor justo, custo de reposição e julgamento de especialistas.

Quanto à mensuração de especialistas, há conflito nas atribuições de valores. Ferri et al. (2020) incita que a contabilidade tradicional diverge da valoração das abordagens profissionais ou curatoriais. As obras de arte são valoradas em ambientes específicos, tais como leilões, feiras, galerias, museus e centros culturais. Então, sobre obras de arte, o “julgamento de profissionais especializados” parece ser o mais adequado. No caso dos leilões, o pregão inicia com um valor de referência, anunciado pelo leiloeiro, e o valor final do bem pode chegar a incremento imprevisível. Enquanto isso, as feiras internacionais parecem ser importantes mecanismos para gerar um incremento no valor dos ativos culturais, pois são capazes de atrair significativos colecionadores.

Conforme Ferraz (2015), as galerias de arte têm aumentado a rentabilidade dos seus negócios ao participarem de importantes feiras, tais como, Tefaf (Maastricht), Art Basel, Frieze (Londres), Armory Show (Nova York) e Art Basel Miami. Adicionalmente, as galerias são capazes também de atrair colecionadores individuais e milionários em seus ambientes internos que dispensam locais movimentados.

Para iniciar o processo de valoração de ativos raros, os especialistas utilizam alguns critérios adotados no *metiê*, sendo eles: garantia por meio de peritos especializados e idôneos em obras raras, laudo técnico assinado; devolução do valor da venda em caso de engano; garantia da origem do bem por leiloeiros responsáveis pela licitude e desembaraço do bem; descrição detalhada do estado do ativo; utilização de telefone e internet nos leilões, possibilitando aumentar os lances (Levy, 2021).

No caso de julgamento por especialistas, uma das técnicas utilizadas, para chegar a um valor apropriado às obras de arte, é por meio dos bancos de dados públicos contendo catálogos de valores de bens já vendidos como daqueles disponíveis, por exemplo, pela *Artprice*, *Askart*, *Artnet*, *Gordon's Photography Prices*, *Gordon's Print Prices & Lawrence's Dealer Print Prices*, *Lawrence's Print Preços*, *Invaluable*, Galeria de Gravura, Bolsa de Arte, Catálogo das Arte e O Escritório de Arte. Assim, como mais uma ferramenta de pesquisa de mercado de arte, os avaliadores e colecionadores se valem dos bancos de dados de preços realizados em leilões (Cotações, 2021).

Para Ferraz (2015), embora complexa, existe uma relação entre leilões e marchands, pois nos dois são criadas condições privilegiadas de compra e venda que potencializam o valor de venda da obra. O leilão move a lógica do capital financeiro que também move a lógica entre valor de mercado e valor estético. Elementos como exclusividade, qualidade e estado físico da obra, representação de um colecionador, espólios, catálogos de alto padrão induzem o aumento dos preços e lances das obras.

2.2 Margaret Mee e o Ativo Cultural das Florestas Brasileiras

Um exemplo de um artista que contribuiu para além da arte foi a inglesa Margaret Ursula Mee. A ilustradora nasceu em 1909 na Inglaterra, e durante a Segunda Guerra Mundial ocupou-se como ilustradora na De Havilland, em seguida, fez seus estudos na *Saint Martins College of Art no Cenbro Scholl of Art* e na *Camberwell Scholl of Art* (Lourenço & Barros, 2016).

Mee chegou no Brasil em 1952, aos 43 anos, onde passou a ensinar arte na Escola Britânica de São Paulo. Em 1958, encantada com as plantas das florestas tropicais e amazônica

brasileiras, fez torna-la uma artista-ilustradora pelo Instituto de Botânica de São Paulo (Martins, 2016).

Após realizar sua primeira exposição na Casa da Cultura Inglesa, em São Paulo, em 1960 foi contratada para trabalhar no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Mee inicialmente desenhou as plantas da floresta e depois trabalhou nas grandes ilustrações da planta inteira em seu estúdio no Rio de Janeiro. A qualidade do seu trabalho foi reconhecida pela Sociedade Geográfica Nacional e pelo Prêmio Guggenheim. Tornou-se amiga de um dos principais paisagistas do Brasil, Roberto Burle Marx. Foi condecorada pelo Membro do Império Britânico (M.B.E.) e homenageada pela Ordem do Cruzeiro do Sul no Brasil (Mee, 2006).

Conforme Becker (2012), no ano de 1964, Mee iniciou pesquisas nas florestas tropicais brasileiras, em particular, amazônica. A iconografia da artista-botânica foi direcionada para a fauna brasileira, em especial às plantas raras, sendo elas, na maioria, desconhecidas pela ciência, como a ilustração da família *Bromeliaceae*, assim como, pinturas de orquídeas e cactos. Entre 1956 e 1988, Margaret criou 400 ilustrações botânicas em guache e aquarela, 40 *sketchbooks* e 15 diários detalhados, frutos principalmente de suas 15 expedições à Amazônia (Ryle, 1988).

No Brasil, obtendo conhecimento com os nativos, aprendeu a conviver na floresta com as plantas, animais e pessoas. Nove plantas foram registradas por Mee, antes desconhecidas da ciência e determinados exemplares passaram a ter o seu nome, sendo eles: *Aechmea meeana*, *Sobralia margaretae* e *Neoregelia margaretae* (Siegel, 2017).

Conforme Franco (2007), as obras “*Flowers of the Brazilian Forests*”, “*Flowers of the Amazon*” e “*In Search of Flowers of the Amazon Forest*” são as mais importantes entre aqueles trabalhos de Margaret Mee, realizados no Brasil.

O livro *Flowers of the Brazilian Forests* foi editado em uma única vez, limitada a 500 cópias de luxo, tendo a assinatura em guache de Mee no verso da página de rosto. O livro de grande importância botânica é resultado das expedições realizadas da região amazônica, sendo considerado a primeira grande publicação de suas pinturas de flores brasileiras. O livro teve prefácio do paisagista brasileiro Roberto Burle Marx. A riqueza das pinturas não é apenas resultado de observação meticulosa da artista, mas também das descrições e anotações nos próprios diários de viagem de Mee. Por ter uma boa recepção comercial e um trabalho de alto nível, o crítico Wilfrid Blunt escreveu, no Journal of the Royal Horticultural Society, que Mee estaria em primeiro lugar entre os melhores artistas botânicos.

O segundo trabalho referenciado como importante é o livro *Flowers of the Amazon*, que em estojos de luxo, traz 24 gravuras da artista, contendo desenhos que foram gerados durante suas viagens pela floresta. As figuras são descritas em inglês e português e prefaciado por Roberto Burle Marx. O livro apresenta também comentários, extraídos dos seus diários durante as expedições, sobre flores, árvores, aves e animais, rotas, itinerários e plantas da região.

O último citado por Franco como mais relevante é o livro *In Search of Flowers of the Amazon Forest*, que contempla o prefácio do Duke de Edimburgo, Morrison Tony. O livro contém esboços dos diários e cadernos de Margaret Mee durante suas expedições às florestas visitadas.

Podendo ser considerada como uma ambientalista, Margaret Mee fez relatos dos danos causados à natureza, toda vez que realizava expedições à Amazônia, assim como do abandono dos ribeirinhos, além de defender a biodiversidade da flora e a conservação do ecossistema brasileiro (Protasio, 2012).

Diante de tais contribuições, fica evidente que valorar os ativos culturais deixados pela artista torna-se um desafio não só econômico, mas de forma a considerar a personificação de sua obra no valor intrínseco do seu legado através de relatos dos envolvidos na sua jornada nas matas brasileiras.

3 METODOLOGIA

Em atendimento ao objetivo geral desta pesquisa foi realizado estudo do valor econômico das obras que referenciam a mata e flora brasileira, admitidas pela literatura como arte e ciência, assim como, do valor personificado da ilustradora Margaret Mee.

Inicialmente, buscou-se analisar os valores econômicos de três obras, elencadas por Franco (2007) como sendo as principais da artista: “*Flowers of the Brazilian Forests*” (1968), “*Flowers of the Amazon*” (1980) e “*In Search of Flowers of the Amazon Forest*” (1988), mas também de outras obras. A pesquisa dos valores foi realizada pelo Google®, no período de agosto de 2021, utilizando o protocolo PICOC (*population, intervention, comparison, outcome, context*), de palavras relacionadas e termos de busca sobre as três obras de Margaret Mee, possibilitando um mapeamento sistemático das obras (Marcolino & Barbosa, 2015). Os preços das obras foram extraídos das principais casas de leilões e bibliotecas especializadas em vendas de livros raros. Ferraz (2015) destaca que o valor de uma obra de arte tem relação com a produção, reflexão crítica e ambiente institucional. Em casas de leilões ou livrarias especializadas e consolidadas, esses elementos têm um papel fundamental na formação, mensuração e reconhecimento do valor justo das obras de arte. Nas casas de leilões e livrarias especializadas, o *know how* dos agentes parece ser o mais adequado método de valoração econômica de ativo cultural, pois é capaz de gerar informação acurada de obras raras, servindo de base para a mensuração, reconhecimento e evidenciação contábil. Além disso, o valor da obra por meio do julgamento de um avaliador experiente tem características semelhantes com o Método de Valoração Contingente (MVC) estimando o valor do bem por meio da Disposição a Pagar (DAP). No entanto, enquanto a DAP é calculada com base em cenários imaginados, o valor por meio do julgamento de um especialista ocorre em ambiente real. Nessa situação, é levado em consideração o olhar de um crítico dotado de informações e de experiências sobre o espaço empresarial, como definição do valor do lance, *goodwill* do artista, *marketing* e carteira de colecionadores. Ferraz (2015) destaca que o valor de uma obra de arte tem relação com a produção, reflexão crítica e ambiente institucional. Em casas de leilões ou livrarias especializadas e consolidadas, esses elementos têm um papel fundamental na formação, mensuração e reconhecimento do valor justo das obras de arte.

No segundo momento, foi analisado o conteúdo do documentário de 2013, dirigido pela cineasta Malu de Martino, que apresenta o trabalho da botânica inglesa em sua 15 expedições ao Brasil. O documentário traz depoimentos de pesquisadores, artistas botânicos, amigos, editores e pessoas que conviveram com a ilustradora. Para desenvolvimento da análise de conteúdo, foram classificadas as menções dos entrevistados em nove aspectos: sobre a mulher; a personalidade; arte e ciência; o ativismo e a defesa do meio ambiente; o valor de seu trabalho; o misticismo; o perfil influenciador; a estratégia; e o reconhecimento de seu trabalho. A transcrição dos depoimentos teve o intuito de auxiliar na personificação do valor agregado e intangível ao legado da artista, buscando assim, encontrar as características intrínsecas que influenciaram o desenvolvimento e valor de seu trabalho. Sabe-se que os valores intangíveis como, por exemplo, estéticos, científicos, social, geográfico e educacional podem ter influência no valor econômico dos ativos culturais. Na pesquisa de Freire et al. (2017) sobre o valor das rochas, por meio da disposição a pagar (DAP), do museu de geologia da Universidade de Brasília, foi possível constatar que a DAP é influenciada pela área de atuação e nível de escolaridade dos participantes da pesquisa, mas também dos valores intangíveis.

Para complementar a análise dos valores personificados, foi extraído o áudio do documentário para transcrição em texto, sendo utilizados os softwares “Otter.ai”: Voice Meeting Notes® e Web Speech API Demonstration®, em suas versões gratuitas. Após a transcrição, foi realizada uma conferência dos relatos dos entrevistados, com a utilização do software livre, *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* - IRAMUTEQ® para análise textual, visando verificar a relação entre as

temáticas dos valores personificados e o relato de cada discurso do vídeo. E para isso, foi elaborado o *corpus*, que teve correções quanto às pontuações, junções de palavras, que fazem sentido juntas, por exemplo, “Rio_Negro”, e também foram excluídas expressões desnecessárias, por exemplo, “né”, “ai”, “etc”.

Em seguida, os conteúdos foram agrupados por narrativas das menções dos valores personificados identificados, criando as variáveis, por exemplo: **** *valor_1, para identificar cada um dos 9 valores personificados mencionados na análise. Também foram criadas variáveis para identificar os entrevistados, como, *Relator_01, totalizando 18 pessoas e uma reunião, identificando também a profissão de cada um e seu gênero.

Essas apropriações foram feitas na intenção de auxiliar na análise estatística textual, bem como, na Análise Fatorial de Correspondência (AFC) que visou verificar a proximidade das palavras com os valores personificados. Como complemento, foi obtida a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que apresentou as palavras segmentadas em classes, baseadas nas menções os relatos do documentário.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 Valor Econômico das Obras de Margaret Mee

4.1.1. *Flowers of Brazilian Forest* (1968)

Na pesquisa efetuada foi possível constatar que as obras de Margaret Mee foram comercializadas nas principais casas de leilões e livrarias internacionais e nacionais, tais como: (i) Christies’ Leilões, empresa de arte fundada em 1799, considerada uma das mais importantes do mundo.

No ano de 1996, o livro foi comercializado em libras esterlinas; (ii) Bonhams, empresa especializada em livros finos e manuscritos; (iii) Espaço de Artes Miguel Salles, localizada no Rio de Janeiro, empresa especializada em objetos de leilões como pinturas antigas; (iv) Artnet, e-commerce em nível internacional; (v) *Drawing Room London*, galeria localizada em Londres, que expõe trabalhos de artistas de renome internacional; (vi) Outros: *AbeBooks*; *Iberlivros*; *Estante Virtual*; *Waterstone*, *ebay*, *Levy Leiloeiros*, *Veras Nunes Leilão* e *Amazon*. O livro *Flowers of Brazilian Forest*, foi comercializado por várias empresas, sendo elas: *Amazon*, *AbeBooks* e *IberLivros*, com preços variando em R\$ 5.498,64 (*Amazon*) a R\$ 103.797,69 (*AbeBooks*) (ver Tabela 1).

Tabela 1

Valor da Obra Flowers of Brazilian Forest

Empresa	Valor Máximo Encontrado	Valor em Reais
Amazon	US\$ 1.008,00 (Dólares)	R\$ 5.498,64
AbeBooks	€ 14.634,13 (Libras)	R\$ 103.797,69
IberLivros.com	£ 8.418,75 (Euros)	R\$ 51.098,44

Nota. Cotação em 31.08.2021, Dólar: R\$ 5,455; Libras: R\$ 7,08670; Euro: R\$ 6,0696

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

A diferença entre valores da obra de arte está associada a diversos fatores como, por exemplo, condição e estrutura do objeto (integridade, originalidade e restauração), procedência da compra, preços recentes de comercialização do trabalho do artista, preços de objetos semelhantes, temática da obra, raridade, demanda e carga emocional do comprador. Outro fator relevante desse livro está no número de tiragem que foi limitado a 500 unidades, o que implica a dizer que o valor do conjunto das 500 unidades poderá chegar a R\$ 51.898.845,00, se for considerado o valor da *AbeBooks*.

4.1.2 *Flowers of the Amazon* (1980)

O livro botânico, *Flowers of the Amazon*, o qual é bilíngue (português e inglês), traz informações dos diários de Mee durante suas viagens e de comentários sobre os danos causados a floresta, além de algumas ilustrações da artista. Este livro teve mais de uma tiragem, o que pode explicar a grande diferença de valores entre a obra *Flowers of Brazilian Forest* e *Flower of the Amazon* (ver Tabela 2). Isso ocorre porque o aumento da oferta e diminuição da demanda tem impacto direto no valor do bem.

Tabela 2

Valor da Obra Flowers of the Amazon: The Botanical Art of Margaret Mee

Empresa	Valor Máximo Encontrado	Valor em Reais
Estante Virtual	R\$ 7.500,00 (Reais)	R\$ 7.500,00
AbeBooks	US\$ 142,13 (Dólares)	R\$ 775,32
Waterstone	€ 25,00 (Libras)	R\$ 177,16

Nota. Cotação em 31.08.2021, Dólar: R\$ 5,455; Libras: R\$ 7,08670; Euro: R\$ 6,0696

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Devido a oferta do produto ser maior que a procura, ocasionou a diminuição dos preços da obra. No *site* da AbeBooks, foi possível encontrar a oferta de pelo menos 7 livros da obra, os valores oscilam entre R\$ 177,16 (Waterstone), R\$ 775,32 (AbeBooks) e R\$ 7.500,00 (Estante Virtual).

4.1.3. *In Search of Flowers of the Amazon Forest* (1988)

Esta obra foi editada pela Tony Morrison, e nas suas 302 páginas é destacado a beleza da floresta tropical em 60 dos principais trabalhos da artista desde sua primeira expedição em 1956, contudo, os valores de venda não são expressivos (ver Tabela 3).

Tabela 3

Valor do Livro In Search of Flowers of the Amazon Forest

Empresa	Valor Máximo Encontrado	Valor em Reais
Amazon	R\$ 2.994,00 (Reais)	R\$ 2.994,00
ebay	US\$ 21,83 (Dólares)	R\$ 119,08
AbeBooks	€ 30,00 (Libras)	R\$ 212,60

Nota. Cotação em 31.08.2021, Dólar: R\$ 5,455; Libras: R\$ 7,08670; Euro: R\$ 6,0696

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Os livros à venda pesquisados tiveram valores que oscilaram entre R\$ 119,08 (ebay) e R\$ 212,60 (AbeBooks). Porém, no *site* da Amazon o valor da obra é apresentado entre R\$ 484,00 (exemplar usado) e R\$ 2.994,00 (exemplar novo).

4.1.4 Valor de Outras Obras

Ainda na busca pelos valores das obras de Margaret, foi possível encontrar a comercialização do trabalho “*Margaret Mee’s Amazon – Diaries of an Artist Explorer*” (AbeBooks), “*Margaret Mee’s: return to the Amazon*” (Abebooks) e selo (Mercado Livre) com uma ilustração da artista (ver Tabela 4).

Tabela 4

Valor de Outras Obras

Empresa	Valor Máximo	Valor em Reais
Mercado Livre - selo	R\$ 90,00 (Reais)	R\$ 90,00
AbeBooks Margaret Mee’s Amazon Diaries of an Artist Explorer	US\$ 103,91 (Dólares)	R\$ 566,82
Abebooks - Margaret Mee’s: return to the Amazon	US\$ 88,94 (Dólares)	R\$ 485,17

Nota. Cotação em 31.08.2021, Dólar: R\$ 5,455; Libras: R\$ 7,08670; Euro: R\$ 6,0696

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Mediante os valores coletados nesta pesquisa exploratória foi possível verificar que o livro *Flowers of Brazilian Forest* foi melhor cotado no mercado valorado por especialistas da área, constatando-se que os métodos de valoração econômica são instrumentos disponíveis para a contabilidade realizar os registros dos valores dos ativos culturais. Porém, há diferentes ativos, com características próprias, carecendo de estudos sobre o melhor mecanismo a ser utilizado, sendo assim, mediante as obras e trajetória de Margaret Mee, se faz necessário expandir esta valoração do ativo cultural de modo a personificar o legado da mesma.

4.2 Valores personificados

Conforme Throsby (2003), há valores intangíveis associados ao ativo cultural que vão além do valor econômico, sejam eles, por exemplo, filosófico, científico, artístico, educacional e/ou instrutivo. Os elementos imateriais são muitas vezes difíceis de serem mensurados e também impercebíveis por um grupo de pessoas, principalmente pela falta de sapiência ou escolhas pessoais inerentes a cada indivíduo (Throsby & Zednik, 2014).

No documentário Margaret Mee e a Flor da Lua, realizado por Malu de Martino, foram registrados os relatos de amigos, biólogos, artistas, escritor, curador, entre outros personagens que conheceram o trabalho e vida da Margaret. A partir do depoimento dos envolvidos no filme, foi possível constatar os valores personificados da artista que certamente estão intrínsecos na história de cada obra, podendo perpetuar valores que influenciaram ou marcaram as obras. A partir de uma valoração qualitativa, foram analisados os elementos apontados pelos entrevistados, acerca da ilustradora pôde-se entender que:

1. **Sobre a mulher.** Margaret não era diferente dos homens exploradores ingleses, além disso, idade não era problema para ela. Quando iniciou o seu trabalho como ilustradora botânica no Brasil, tinha 47 anos.

2. **Sobre a personalidade.** Margaret tinha um estilo de vida próprio, era uma doçura de mulher, simpática, gentil, elegante, notável, muito íntegra, sensível, discreta e determinada. Sabia o que queria, sendo guerreira, valente, corajosa e radical. Ela era aventureira, excêntrica e vista como uma pessoa maluca.

3. **Sobre a sua arte e ciência.** Margaret era inicialmente uma artista plástica modernista. Enquanto isso, tinha uma maneira própria de ver a arte, sendo a forma e o espaço muito importante no seu trabalho, e a natureza tornando-se a sua própria arte. Ela possuía um poder criativo e facilidade em recriar com feitiço poético e científico. Além de ser ágil, apaixonada pelo o que fazia, empolgava, emocionava e sensibilizava através da arte. Suas pinturas tinham uma força maior, tendo um poder de convencimento e muita tenacidade. Botânicos queriam que ela pintasse os trabalhos deles. Ela foi procurada, por exemplo, pelo cientista americano Lyman Smith, especialista mundial em bromélias na época, para que pintasse seu trabalho. Margaret foi comparada a outros exploradores como, Ghilleen Prance, cientista e britânico, deixando um legado para a arte e ciências.

4. **Sobre o ativismo e o meio ambiente.** Margaret tinha um amor pela botânica. Foi uma das primeiras pessoas a falar do desmatamento, degradação da floresta e violência em nativos e população ribeirinha. Ela era dramática, mas na sua forma de falar. Ao retornar das expedições, defendia a bandeira e lutava contra os problemas da Amazônia. Firme e defensora da floresta, seu ativismo era tranquilo, defendendo suas ideias políticas tendo reuniões com ministros e secretários governamentais em defesa às questões ambientais. O que a fazia não ter medo de falar com os políticos. Certa vez, enviou uma cópia do seu livro para o presidente Geisel, em pleno regime militar, escrevendo o seguinte: “Presidente Geisel, espero que goste deste livro, porque todas essas plantas que está vendo, rapidamente serão extintas.”

5. **Sobre o valor de seu trabalho:** Ela sabia que sua obra tinha um valor inestimável, mesmo sabendo que nenhum daqueles elementos seria pintado novamente. Ela mesmo poderia ter vendido suas ilustrações, mas valor para ela tinha outro sentindo, valor não era monetário.

Para os depoentes, sua obra tem um valor da raridade, valor artístico e valor científico. Margaret e esposo não tinham muito dinheiro e sua vida social era movimentada porque ela era conhecida no meio artístico. Em termo de bens, fruto do seu trabalho, conseguiu comprar uma casa em Santa Teresa. Ela não tinha ideia do valor do dinheiro, sendo isso considerado como muito sujo.

6. Sobre o misticismo. Para alguns depoentes, Margaret evocava o mistério e a magia da Amazônia, assim como tinha uma dimensão extra espiritualidade e mágica das coisas. A casa onde habitava em Santa Teresa, RJ, era um santuário com algumas mudas de plantas que ela recolhia nas expedições.

7. Sobre ser influenciadora. Como influenciadora e incentivadora, Margaret era admirada por seus colegas de trabalho.

8. Sobre estratégia. Para alguns depoentes, Margaret sabia aproveitar as oportunidades, pois tinha contato com pessoas certas e agia na hora certa.

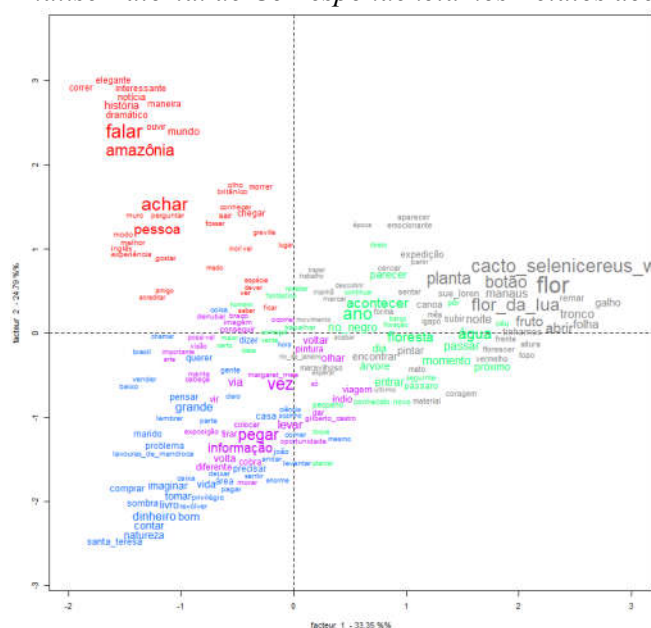
9. Sobre o reconhecimento de seu trabalho. Foram criados o fundo *Amazon Trust* e a fundação Botânica Margaret Mee que concederam bolsas a biólogos e a ilustradores botânicos. Com o fundo, foram adquiridas mais de 60 obras da Margaret e depositadas no *Royal Botanic Gardens, Kew*. Quatro espécies de plantas foram nomeadas em sua homenagem. Ela foi responsável pelo registro de 3 novas espécies.

De maneira a entender melhor como poderiam ser mensurados os valores personificados, utilizou-se a análise textual com base no documentário “Margaret Mee e a Flor da Lua”. Buscando uma melhor identificação das temáticas classificadas como valores intangíveis que podem ser atributos ao valor da obra de Margaret Mee. Para tal, foram analisados 27 relatos através do *software* IRAMUTEQ, apresentando 256 textos segmentados como Unidades de Contexto Elementar (UCE) e destes aproveitados 211, o que representa 82,42% do *corpus*.

Inicialmente foi realizada uma Análise Fatorial de Correspondência (AFC), com base nos 27 relatos do vídeo, que foram unidos por entrevistados. Ressalta-se que os valores personificados serviram de variáveis para separação dos relatos de cada entrevistado, a intenção era verificar quais possíveis menções estavam ligadas ao legado de Margaret Mee.

Figura 1

Análise Fatorial de Correspondência nos Relatos acerca de Margaret Mee



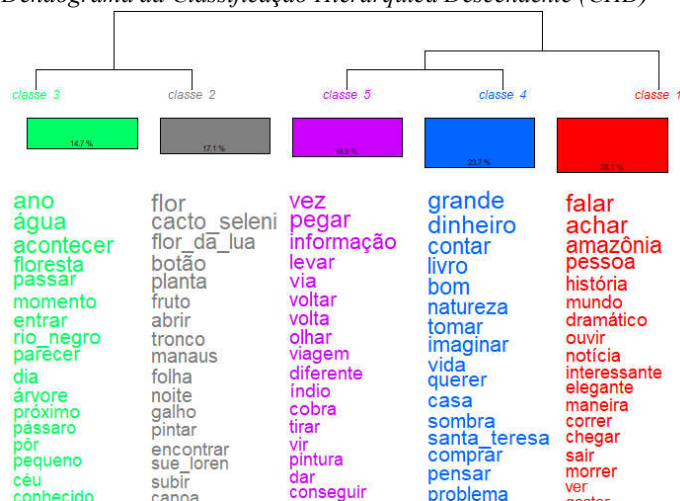
Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

A Figura 1 apresenta as palavras mais mencionadas que acentuadas por 5 fatores percebe-se que a palavra “trabalhar” se encontra no centro das discussões no documentário. Isso implica dizer que todos os entrevistados e a própria Margaret Mee mencionaram seu trabalho, que envolve também outros quadrantes e que são importantes. As palavras do primeiro quadrante, em cinza, apresentam maior intensidade nos discursos, como “planta” e “flor_da_lua”, envolvendo principalmente nos Relatos, 01 e 02, que são enunciados respectivamente por Mee em seu Diário e por Maria das Gracas Wanderley, botânica. Cabe ressaltar que a palavra Flor da Lua está mais voltada a variável valor_3, que está associada à sua arte e ciência.

Em seguida foi feita a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), através do método linguístico Reinert, que faz a análise léxica das palavras em seu contexto, com o uso da modalidade pré-determinada de classificação simples, a Análise *Standart* - (ST), apropriada para textos longos. Com esse processo foi criado dendograma com o agrupamento de ocorrência das palavras, baseado nos valores personificados, conforme a Figura 2.

Figura 2

Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD)



Nota: Os grupos criados baseados nas variáveis de valor personificado

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

O *dendograma* acima apresenta 5 classes de palavras de acordo com o discurso do *corpus*, os resultados apontam que há dois grupos grandes de classes interligadas, porém a classes 3 e 2 não tem ligação direta com as demais, pois conforme a narrativa das palavras elas se concentram em um ambiente voltado as suas expedições. Se analisarmos a Classe 2, percebe-se a busca pela flor-da-lua, com as palavras “flor” de χ^2 56,41 e “cacto_selenicereus_wittii” de χ^2 40,42 ambos com $p < 0,0001$, representando 17,1% de cluster.

Diante da Classe 3 que também envolve o contexto de meio ambiente e expedições, é visto que a palavra “ano” χ^2 36,19 e “água” χ^2 29,14 são muito mencionadas, que podem ter correlação com os relatos de Mee, entretanto, se chama atenção para a palavra “acontecer” que aparece em 70% desta classe, e com o valor personificado mais atrelado a Arte e Ciência.

A Classe 5 possui 18,5% de concentração, trazendo palavras como “vez” e “pegar”, ambas com significância de $p < 0,0001$, percebe-se que esta classe está voltada a contos da vida de Margaret Mee, por isso a aparição da palavra “vez”. Ressalta-se que essa palavra está mencionada principalmente no valor_7, de como Mee era Influenciadora, sobre as narrativas de admiração e incentivo.

Sobre o valor de seu trabalho	*Valor_5	9	6,72%
Sobre o misticismo	*Valor_6	8	5,97%
Sobre ser influenciadora	*Valor_7	8	5,97%
Sobre estratégia	*Valor_8	7	5,22%
Sobre a mulher	*Valor_1	6	4,48%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Percebe-se na Tabela 5 que os valores personificados mais mencionados pelos participantes do documentário fazem alusão à sua arte e ciência com 24,63%, detendo 33 menções, seguido por o valor de sua personalidade com 16,42%, onde houveram 22 narrativas que trataram sobre o tema, 21 menções trataram sobre o reconhecimento de seu trabalho e 20 se concentraram em expor seu amor ao meio ambiente e seu ativismo ambiental. As demais somaram 28,36% de outros valores intrínsecos na sua obra e vida. Diante a análise dos relatos a admiração e amor pela natureza são expressos, provindos de uma mulher educada e gentil, de um talento inigualável.

Pode ser identificada a contribuição da obra da artista, conforme relatos e temáticas apresentadas, os quais devem ser melhor reconhecidas e mensuradas por especialistas da área, pois no resultado preliminar sobre o trabalho de Margaret Mee, a estrutura que envolve o julgamento de especialista parece ser apropriada para atribuir valor para o registro contábil de obras de arte. No entanto, confrontado com a realidade de um contexto emblemático, como por exemplo valores intrínsecos do artista, há muito espaço para melhorias, principalmente quanto à definição, reconhecimento, mensuração e divulgação de tais ativos.

Embora o IPSASB (2017) tenha concluído que as características distintas dos ativos culturais não requerem de evidenciações, no presente estudo, verifica-se que, face as particularidades de cada ativo, as informações principalmente sobre métodos e mecanismos de valoração devem ser incluídas nas demonstrações financeiras. Por outro lado, as informações de personificação do artista, influenciadoras na composição do valor cultural, poderiam compor as evidenciações voluntárias, embora seja difícil mensurar com razoável precisão os valores personificados e subjetivos que uma pessoa tem ao contemplar um patrimônio cultural.

5 Considerações Finais

Neste trabalho, verificou-se que mensurar o valor de ativos culturais é um grande desafio para os gestores contábeis. Os métodos de valoração econômica são mecanismos utilizados para calcular o valor dos ativos culturais tangíveis e intangíveis, como obras de arte ou festas populares. Nem todos os métodos se aplicam aos ativos culturais, porque cada tipo tem características singulares, necessitando de tratamento especial para que sejam devidamente mensurados, reconhecidos e evidenciados. No caso específico das obras de arte, o julgamento de um especialista parece ser o mais adequado, pois o ambiente mercadológico, por exemplo, casas de leilões, galerias, feiras e museus é composto por uma estrutura própria que forneça um valor justo refletindo nas demonstrações contábeis. Além disso, a arte é considerada um artigo de luxo, seu ambiente econômico advém da fina flor e abastada da sociedade. O colecionador tem um elevado grau de exigência de informações, desde a segurança sobre a origem dos ativos.

Margaret Mee, pioneira exploradora e conservacionista, foi uma importante ilustradora da mata atlântica e da floresta amazônica brasileira. Seu papel como artista foi além dos registros botânicos, trazendo para a sociedade não somente o retrato da riqueza das florestas brasileiras, mas também dos problemas causados ao meio ambiente com a devastação de diversos exemplares naturais, mas também aos nativos da região. Reconhecida internacionalmente, três dos seus principais trabalhos foram comercializados em casas de leilões e livrarias especializadas, entre elas, na AbeBooks, livro *Flowers of Brazilian Forest*,

com tiragem limitada a 500 unidades que chegou a um preço de 14.636,13 libras esterlinas (aproximadamente R\$ 103.797,69).

Conforme o depoimento dos entrevistados apresentado no documentário de Malu de Martino, Margaret Mee era uma mulher notável, gentil e sensível, e, ao mesmo tempo, forte, determinada e corajosa. Margaret, encantada pelas florestas brasileiras, não se preocupava com o valor monetário de suas obras, pois dinheiro era considerado uma coisa suja. Foi uma das primeiras pessoas no mundo a denunciar os danos causados as árvores, animais e as populações ribeirinhas com o desmatamento da Floresta Amazônica. Todas essas características próprias de Mee têm influenciado o valor de suas obras, tanto em nível científico quanto econômico e contábil. Margaret deixou um significativo conjunto de ilustrações artísticas e científicas, além de uma mensagem para a humanidade sobre a necessidade de proteger o meio ambiente. Logo, a valorização da observação e da contemplação na descrição da paisagem é um processo intrínseco ao artista. Outrossim, a arte botânica de Margaret é acompanhada por histórias de suas expedições. Nesse caso, embora extremamente importantes, não há normativos que permitam mensurar, reconhecer e evidenciar em números monetários a descrição puramente científica, estética, científico e de imaginação inerentes ao artista. O valor contábil se limita a números materializados em suas obras, como, aquarelas, livros e diários, por meio das informações contidas em casas especializadas e catálogos em obras raras.

Finalmente, este artigo junta-se ao debate sobre a mensuração, reconhecimento e evidenciação de ativos culturais, servindo de parâmetro para decisões sobre os métodos de valoração econômicas, assim como, realçando a necessidade de averiguar os pontos fortes e fracos das métricas existentes, mas também de valores personificados do artista.

Referências

- Aversano, N., & Christiaens, J. (2014). Governmental Financial Reporting of Heritage Assets From a User Needs Perspective. *Financial Accountability and Management*, 30(2), 150–174.
<https://doi.org/10.1111/faam.12032>
- Becker, E. L. S. (2012). A obra de Margaret Mee e sua provável relação com os procedimentos metodológicos de Alexander Von Humboldt. *Revista Geonorte*, 3(4), 1–11.
- Biondi, L., Grandis, F. G., & Mattei, G. (2021). Heritage assets in financial reporting: a critical analysis of the IPSASB's consultation paper. *Journal of Public Budgeting, Accounting & Financial Management*. <https://doi.org/10.1108/JPBAFM-09-2020-0158>
- Carvalho Jr., L. C., Marques, M. de M., & Freire, F. de S. (2016). Mensuração de ativos culturais: aplicação do método do custo de viagem e método de valoração contingente no Memorial Darcy Ribeiro. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, 10(2), 394.
<https://doi.org/10.7784/rbtur.v10i2.1081>
- Norma Brasileira de Contabilidade Técnica do Setor Público - Ativo Imobilizado, 22 de Setembro (2017). Cotações, de O. de A. (2021). *Cata'Logo das Artes*. <https://www.catalogodasartes.com.br/inicio/>
- De Almeida, A. S. (2014). *O Desenho de Margaret Mee: Contribuições para a taxonomia Botânica* [Universidade Estadual de Faria de Santana]. <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/101>
- Fernandes, R. L., Bem, J. S. de, & Waismann, M. (2020). Aplicação do Método da Valoração Contingente (MCV): Estudo de Caso do Mural “ AS PROFISSÕES ” de Aldo Locatelli um patrimônio da UFRGS. *Revista Memória Em Rede*, 12(23), 317–340.
<https://doi.org/10.15210/RMR.V12I23.15232>
- Ferraz, T. S. (2015). Quanto vale a arte contemporânea? *Novos Estudos, CEBRAP*, 1, 117–132.
<https://doi.org/10.1590/S0101-33002015000100006>
- Ferretti, V., & Comino, E. (2015). An integrated framework to assess complex cultural and natural heritage systems with Multi-Attribute Value Theory. *Journal of Cultural Heritage*, 16(5), 688–697.
<https://doi.org/10.1016/j.culher.2015.01.007>
- Ferri, P., Sidaway, S. I. L., & Carnegie, G. D. (2020). The paradox of accounting for cultural heritage: a longitudinal study on the financial reporting of heritage assets of major Australian public cultural institutions (1992–2019). *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 34(4), 983–1012.
<https://doi.org/10.1108/AAAJ-01-2019-3807>
- Franco, F. (2007). *Scientific Illustration*. Wordpress.

- <http://scientificillustration.wordpress.com/2007/03/13/margaret-mee/>
- Freire, F. de S., Crisóstomo, V. L., Almeida, A. P. de, & Silva, F. de J. (2017). Valoração Econômica e Cultural de Heritage Assets: Estudo Aplicado ao Museu de Geociências da Universidade de Brasília. *Revista de Contabilidade Do Mestrado Em Ciências Contábeis Da UERJ*, 22(3). <https://doi.org/https://doi.org/10.12979/rcmccuerj.v22i3.34052>
- Fuji, A. H., & Slomski, V. (2003). Subjetivismo Responsável : Necessidade Ou Ousadia. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33, 33–44.
- Gomes, G. de S., Silva, D. M., & Martins, V. A. (2016). Presente e futuro das pesquisas em contabilidade financeira. *Revista de Contabilidade Do Mestrado Em Ciências Contábeis Da UERJ*, 2, 3–17.
- Consultation Paper Financial Reporting for Heritage in the Public Sector, International Federation of Accounting (IFAC) (2017). <https://www.ifac.org/system/files/publications/files/IPSASB-Consultation-Paper-Financial-Reporting-for-Heritage-in-the-Public-Sector.pdf>
- Kim, B.-S. (2012). Estimating of indirect benefit for the sewage line business using contingent valuation method. *Journal of Civil Engineering.*, 17, 33-43. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/s12205-013-1833-4>
- Levy, L. (2021). *Levy Leiloeiro*. <https://www.levyleiloeiro.com.br/leilao.asp?Num=3385>
- Lourenço, F. H. S. de M., & Barros, J. D. de S. (2016). Margaret Mee E a Flor Da Lua : Compreendendo a Botânica Por Meio Do Uso De Documentários No Ensino De Biologia Na Eja Prisional De Cajazeiras - Pb. *Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino Em Ciências*, 8. https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2016/TRABALHO_EV058_MD1_SA93_ID305_27042016084155.pdf
- Marcolino, A., & Barbosa, E. F. (2015). Softwares educacionais para o ensino de programação: Um mapeamento sistemático. *Simpósio Brasileiro de Informática Na Educação (SBIE)*, 26(1), 190. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5753/cbie.sbie.2015.190>
- Martino, M. (2013). *Margaret Mee e a Flor da Lua* (p. 1 DVD 1h18m). Produtora: Bretz Filmes.
- Martins, A. (2016). *Margaret Mee, la ilustradora que reveló secretos de las flores de la Amazonia*. BBC. https://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/04/160415_margaret_mee_ilustradora_amazonia_am
- MC, M. da C. (2020). *Sítio Roberto Burle Marx* (1 edição).
- MEE, M. (2006). *Flowers of the Amazon Forests*. Garden Art Press.
- Pires, C. B., Ribeiro, D. C., Niyama, J. K., & Matias-Pereira, J. (2015). Heritage Assets: Procedimentos Para O Reconhecimento E a Mensuração Adotados Pelos Museus. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 14(2), 623. <https://doi.org/10.18593/race.v14i2.6789>
- Protasio, R. (2012). Arte, artistas e arteiros: Série televisiva: textos complementares. *MultiRio*. http://www.multirio.rj.gov.br/media/PDF/pdf_1252.pdf
- Reali, H., & Reali, S. (2020). *A Amazônia de Mrs. Margareth*. Estadão. <https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagens-plasticas/a-amazonia-de-mrs->
- Ryle, J. (1988). Margaret Mee and the moonflower. *Sunday Times Magazine, Posted 2016*, 1–12.
- Segadilha, L., & Gomes, R. G. (2016). Marianne North E Margaret Mee: Artistas Botânicas No Brasil Pós-Colonial. *Letras Escreve*, 6(1), 44. <https://doi.org/10.18468/letras.2016v6n1.p44-56>
- Siegel, L. (2017). *Margaret Mee - Flora brasil*. Chicago Botanic Garden. <https://my.chicagobotanic.org/tag/margaret-mee/>
- Silva, A. da, & Pellegrin, R. de. (2020). Confluências entre a arte e a ciência na representação de uma iconografia documental. *XVII Seminário de História Da Arte*, 2(8). <https://doi.org/HTTPS://DOI.ORG/10.15210/SHA.V0I5.7803>
- Silva, L. M. (2009). *Margaret Mee e a ilustração científica*. Revista Do Centro Mário Schenberg de Documentação Da Pesquisa Em Artes. http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=66:margaret-mee-
- Strassburger, R., Souza, A. R. L. de, & Behr, A. (2014). Contabilidade de ativos culturais: um estudo comparativo entre museus do Brasil e de outros países. *ConTexto*, 14(28), 21–40, set./dez. <https://www.seer.ufgrs.br/ConTexto/article/view/44629>
- Throsby, D. (2003). Determining the value of cultural goods: how much (or how little) does contingent valuation tell us? *Journal of Cultural Economics*, 27, 275–285. <https://doi.org/https://doi.org/10.1023/A:1026353905772>
- Throsby, D., & Zednik, A. (2014). Chapter 4 - The Economic and Cultural Value of Paintings: Some Empirical Evidence. In D. (Org.). GINSBURGH, V.; THROSBY (Ed.), *Handbook of the Economics of Art and Culture* (Elsevier, pp. 98–117). <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/B978-0-444-53776-8.00004-0>